

FÉ *para* HOJE

Comprometida com a Fé que foi entregue aos santos.

Número 4

Ano 1999



Fé *para* *Hoje*

Fé para Hoje é um ministério da Editora FIEL. Como outros projetos da FIEL — as conferências e os livros — este novo passo de fé tem como propósito semear o glorioso Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para a salvação de almas perdidas.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido a fé que foi entregue aos santos.

Nestas páginas, o leitor receberá encorajamento a fim de pregar fielmente a Palavra da cruz. Ainda que esta mensagem continue sendo loucura para este mundo, as páginas da história comprovam que ela é o poder de Deus para a salvação das ovelhas perdidas — “Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem”.

Aquele que tem entrado na onda pragmática que procura fazer do evangelho algo desejável aos olhos do mundo, precisa ser lembrado que nem Paulo, nem o próprio Cristo, tentou popularizar a mensagem salvadora.

Fé para Hoje é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas.

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12233-300 - São José dos Campos, SP

www.editorafiel.com.br

Conteúdo

O Desafio e a Chamada para Missões Mundiais .	1
<i>George Martin</i>	
Você Está Pregando o Evangelho?	6
<i>Martin Lloyd-Jones</i>	
Por que o Povo de Deus Perde a Esperança?	7
<i>Wayne Mack</i>	
Resistindo ao Diabo	11
<i>Arthur W. Pink</i>	
Justificação	18
<i>Martin Lloyd-Jones</i>	
Glorificando a Deus no Fogo	19
<i>George Whitefield</i>	
Agostinho, Bispo de Hipona	23
<i>Iain Murray</i>	
Carta de um Pastor da Escócia	29
<i>Tony Hutter</i>	
Opinião do Leitor	32

O Desafio e a Chamada para Missões Mundiais

George Martin

Uma das passagens mais conhecidas em toda a Bíblia é Isaías 6, que relata a chamada de Isaías ao ministério profético. Diversas vezes esta passagem é utilizada para instruir o povo de Deus no que se refere à glória e a santidade divina. Frequentemente os sermões e as lições bíblicas têm salientado o arrependimento de Isaías e sua disposição de realizar a ordem dada pelo Senhor.

Com menos freqüência, temos sido lembrados sobre a natureza do ministério de Isaías, ou seja, que sua tarefa em grande parte consistia em separar e peneirar. Ele deveria pregar até que o povo de Judá, com corações endurecidos, voltasse as costas para o Senhor e as cidades estivessem em ruínas, sem habitantes. Por fim, o Deus que comissionou Isaías disse que apenas um décimo da população subsistiria. Mas, ainda que este remanescente tivesse de sofrer, seria o remanescente do povo de Deus que permaneceria, e, assim como o tronco de uma árvore que produz brotos mesmo depois de cor-

tado, este remanescente floresceria.

Entre os vários assuntos evidentes em Isaías 6, encontramos o fato de que toda essa questão foi orquestrada pelo Senhor. Ele chamou o profeta e deu-lhe a mensagem a ser proclamada. E o resultado da pregação foi declarado e tornou-se conhecido de antemão. Em outras palavras, o propósito divino é desvendado e realizado por Aquele que está disposto e pode fazer tudo o que deseja.

Qualquer leitura superficial deste livro revela que o Deus de Isaías é soberano. Muitos textos da profecia de Isaías refletem esta verdade: “Eu sou Deus... desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antigüidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46.9-10).

As profecias de Isaías nos levam não apenas a meditar sobre a soberana maneira como Deus agiu com Israel mas também a declarar seus propósitos em relação às nações do mundo. Considere Isaías 49.6: “Sim,

diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra”.

O profeta, que nos faz enxergar a completa soberania de Deus em todas as coisas, não hesitou em declarar que o propósito de Deus inclui a salvação de homens de todas as nações da terra. Se, à luz deste último versículo, pensamos acerca desse propósito dois fatos se destacam. Primeiro, existe o desafio de não focalizarmos exclusivamente uma parte do plano divino e batalharmos pelo cumprimento de todo esse plano. Segundo, temos uma chamada que resulta no envio de obreiros ao mundo, para realizar os desejos do Senhor. Por isso, estamos meditando acerca do desafio e da chamada para missões mundiais.

O Desafio de Missões Mundiais

O desafio envolve o olharmos além de nossa vizinhança e das pessoas com as quais estamos familiarizados, vendo todo o mundo como nosso campo de trabalho. É um desafio tremendo, porque tal empreendimento exige grandes recursos e coloca sobre o cristão enormes responsabilidades, das quais nossa carne normalmente se esquivava.

Evocando um exemplo pessoal, recordo de meu pastorado em Louisville, Kentucky. Quanto eu gostava da obra para a qual o Senhor havia me chamado! Como tinha um amor profundo por aqueles a quem eu ministrava! Mas a obra do pastorado era desafiadora, e ocasional-

mente o desafio se tornava tão grande, que eu me retraía dele. Houve dias em que eu não desejava nada além de fechar a porta do gabinete, voltar à Flórida e plantar laranjas. O desafio do ministério pastoral, às vezes, chegava a ser avassalador.

Da mesma forma, o desafio de missões é grandioso. Jacó, ou Israel, era precioso ao Senhor. Este é o assunto central das Es-

crituras. O Senhor o declarou através do profeta Amós: “De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi” (3.2). Não podemos ler os capítulos centrais da carta de Paulo aos Romanos, sem ficarmos profundamente convictos de que Israel mantém um lugar especial no coração de Deus.

Mas, apesar disso, a visão e o propósito de Deus são mais amplos; estendem-se além de Israel e alcançam todas as nações da terra. Foi assim desde o princípio, quando o Senhor declarou a Abrão que ele e seus descendentes seriam uma bênção para todas as famílias da terra. Desde o princípio, o desafio que está diante

O desafio envolve o olharmos além de nossa vizinhança e das pessoas com as quais estamos familiarizados, vendo todo o mundo como nosso campo de trabalho.

do povo de Deus tem sido o de tornar Deus conhecido aos outros.

O desafio para qualquer crente começa em seu próprio país. Uma após outra, várias pesquisas têm sido realizadas acerca do povo norte-americano, revelando de forma consistente os Estados Unidos como um dos mais religiosos (senão o mais religioso) países do mundo. Na realidade a maior parte da população dos Estados Unidos possui forma de piedade enquanto nega o seu poder (2 Tm 3.5); reivindicam conhecer Deus, mas suas ações O negam (Tt 1.16).

Violências, tumultos, crimes e toda a sorte de malignidade têm se intensificado por toda parte. Nossos líderes clamam por paz entre os homens e entre os povos, não reconhecendo que paz existe somente na pessoa de Jesus Cristo.

Se voltarmos nossa atenção às estatísticas mundiais, o desafio é ainda maior. Os missiólogos classificam a população mundial em categorias amplas: O mundo cristão, envolve aproximadamente 33% da população da terra (Mundo C); os 42 % da população do mundo que têm alguma familiaridade com o evangelho, mas não são classificados como cristãos (Mundo B); e o mundo A, ou aproximadamente 25% da população (cerca de 1,2 bilhão de pessoas), que jamais teve qualquer exposição ao evangelho. Também os pesquisadores nos dizem que o mun-

do cristão gasta aproximadamente 99,9% do seu dinheiro consigo mesmo e somente 0,09% ministrando ao Mundo B. Apenas 0,01% é gasto em alcançar os povos não-alcançados do Mundo A (*“World A: A World Apart”* publicado por *Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention*).

Além disso, o Mundo A, embora contenha a quarta parte da população mundial, possui apenas 1% dos missionários cristãos designados para ele. Em contraste, o “mundo cristão” tem 33% da população da terra e 91% dos missionários.

À luz de tal desafio, como podem os crentes serem ainda mais impulsionados para missões?

A Chamada para Missões Mundiais

O segundo assunto que surge do nosso versículo é a chamada para missões mundiais. O capítulo 49 de Isaías está repleto de referências à soberania de Deus. Com autoridade, Ele ordenou; “Ouvi-me, terras do mar, e vós, povos de longe, escutai!” (v.1). O servo do Senhor declarou que mesmo antes do seu nascimento, o Senhor o conhecia e o havia chamado: “O

A visão e o propósito de Deus são mais amplos; estendem-se além de Israel e alcançam todas as nações da terra.

SENHOR me chamou desde o meu nascimento, desde o ventre de minha mãe fez menção do meu nome” (v. 1). O Senhor formou e moldou a boca de seu servo para que este cumprisse os propósitos divinos (v. 2). O servo

deve sua existência ao Senhor (v. 5), que proclamou: “Te dei como luz para os gentios” (v. 6) e realizou a tarefa. O Senhor é fiel em escolher seus servos e enviá-los a cumprir suas ordens (v. 7).

Todas essas são obras dAquele que declara seus propósitos e os faz acontecer. Não se trata de um dos ídolos pagãos, cuja boca não pode falar. Este é o Senhor, que fala e os homens ouvem; é o Senhor, que ordena e os homens obedecem; é o Senhor, que chama e os homens O seguem.

Quem pode fugir de alguém como Ele? Quando o Senhor ordenou, Moisés reclamou e desculpou-se, mas chegou ao ponto de achar-se frente a frente com Faraó. Jeremias resolveu jamais voltar a proferir uma palavra da parte do Senhor, somente para sentir aquela palavra como um fogo em seus ossos, de forma que precisou sair e falar. Jonas tentou escapar da vontade de Deus para a sua vida, mas acabou se achando no ventre de um peixe, clamando para fazer a tarefa que Deus lhe designara. Pedro negou o seu Senhor, Saulo tentou aniquilar a igreja recém-nascida; porém, tornaram-se os maiores de todos os pregadores, anunciando o evangelho primeiro aos judeus e, depois, aos gentios.

Com absoluta certeza, podemos declarar a soberania de Deus em todas as coisas. Ele suscita a tempestade e a envia pela terra, aonde quer que

lhe apraz. Estabelece um reino e aniquila outro. Através de seus profetas, Deus falou de eventos com centenas de anos de antecedência e os fez acontecer. Ele desperta pregadores e missionários e os envia ao mundo.

Os escritores bíblicos, ao mesmo tempo que afirmam a soberania de Deus, também ressaltam a responsabilidade do homem. Portanto, embora o título desse artigo seja o “O Desafio e a Chamada para Missões Mundiais”, uma designação melhor talvez seria: “O Desafio e a Ordem para Missões

Mundiais”. As Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, estão cheias de mandamentos para o povo de Deus, no sentido de serem embaixadores no mundo. Desde a aliança do Senhor com Abrão, prometendo fazer de sua família uma bênção para todo o mundo, até ao final do ministério terreno de Jesus, quando Ele anunciou a Grande Comissão a seus discípulos, somos ordenados a tornar Deus conhecido em toda a terra.

Citando outro exemplo pessoal, tenho ouvido testemunhos maravilhosos acerca de como Deus tocou de maneira profunda o coração de pessoas e as conduziu a países estrangeiros como missionários. Para ser franco, eu imaginava que tais chamadas deveriam ser sobrenaturais, extraordinárias e miraculosas em sua natureza.

*Nossos líderes
clamam por paz
entre os homens e
entre os povos, não
reconhecendo que
paz existe somente
na pessoa de
Jesus Cristo.*

Porém, esta não foi a minha experiência. À medida que minha esposa e eu meditamos a Palavra de Deus, não pudemos fugir da noção bíblica de que o propósito de Deus é que seu povo pregue o evangelho a cada tribo, nação e língua, porque Ele tem um povo eleito em cada tribo, nação e língua (Ap 5.9; Mc 13.27). Através da pregação do evangelho, Deus sempre chamou os homens a Si mesmo. Nossa experiência não foi algo que pudéssemos ter considerado incomum. Em termos simples, através da crescente compreensão de que os propósitos de Deus se estendem a todo mundo, minha esposa e eu chegamos ao ponto de afirmar: “Senhor, estamos dispostos a ir”. Nada especial, fora do comum ou místico. Era simplesmente a disposição de ir. À luz de tal ordem clara e bíblica, como poderíamos nos esquivar da grande responsabilidade que o Senhor colocou sobre seu povo?

Ao ouvir alguns pregadores contemporâneos, alguém talvez pense que Deus, nos céus, está contorcendo

as mãos em frustração, por estar encontrando dificuldade em convencer as pessoas a crerem nEle e a viverem para Ele. Que deus fraco e digno de pena!

Esse, entretanto, não é o quadro que Deus apresenta de Si mesmo em sua auto-revelação, a Bíblia. A soberania divina alcança a raça humana e dos descendentes de um homem cria uma poderosa nação. Ele separa para Si mesmo um povo eleito de cada nação. Ele procurará as ovelhas perdidas, até que sejam achadas e trazidas ao aprisco.

Quando refletimos com mais atenção, vemos que a soberania absoluta de Deus, mesmo no que se refere a chamar e salvar pecadores, não constitui um empecilho para missões mundiais, e sim um encorajamento. Visto que Deus separou um povo para Si mesmo e que o Filho dEle derramou seu precioso sangue pelos eleitos, a colheita está assegurada. O Senhor possui seu povo eleito em cada nação, e não Se satisfaz com nada menos do que a redenção de todos eles.



O objetivo final e mais elevado da evangelização não é o bem-estar dos homens nem mesmo sua bem-aventurança eterna, mas a glorificação de Deus.

R. B. Kuiper

Você Está Pregando o Evangelho?

Martin Lloyd-Jones

É verdade que, onde abundou o pecado, superabundou a graça; então, “permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” A genuína pregação do evangelho da salvação somente pela graça sempre leva à possibilidade desta censura ser lançada contra a graça. Não existe melhor teste para sabermos se um homem está realmente pregando o evangelho do Novo Testamento: algumas pessoas o entendem mal e o interpretam de maneira errada, de modo que chegam à seguinte conclusão: visto que fomos salvos apenas pela graça, realmente não importa tudo *que fazemos*, podemos continuar pecando como queremos, pois isto redundará em mais glória da graça de Deus.

Este é um excelente teste para avaliarmos a pregação do evangelho. Se minha pregação deixa de expor o evangelho ao ponto de gerar este mal-entendido, realmente não estou proclamando o evangelho. Pretendo explicar o que estou afirmando. Se um homem anuncia a justificação por meio de obras, jamais teremos aquele entendimento errado. Se ele diz: “Você deseja ir ao céu? Então precisa parar de cometer pecados, viver um vida repleta de boas obras e observar certas coisas até à sua morte, deste modo será um cristão e irá ao céu, quando morrer”. O pregador da mensagem acima não será acusado de ter dito: “Continuemos a pecar, para que a graça seja abundante”. Mas todo fiel pregador que anuncia o evangelho tem sido acusado de anunciar uma mensagem que estimula a pecar! Todos eles têm sido acusados de “antinomianismo” (estar contra a lei). Eu poderia falar a todos os ministros do evangelho: “SE A SUA PREGAÇÃO DO EVANGELHO NÃO TEM SIDO ENTENDIDA DAQUELA MANEIRA ERRADA, VOCÊ DEVE EXAMINAR SEUS SERMÕES NOVAMENTE”; é melhor certificar-se de que está realmente proclamando a salvação anunciada no Novo Testamento aos ímpios, pecadores, mortos em seus delitos e pecados, inimigos de Deus. Existe um certo elemento de perigo na apresentação da doutrina da salvação.

Por que o Povo de Deus Perde a Esperança?

Wayne Mack

(Será um dos preletores da XVI Conferência Fiel - ano 2000)

Durante os anos em que tenho me envolvido no ministério de aconselhamento, encontrei muitas pessoas que perderam a esperança por terem adotado um diagnóstico psicológico sem fundamento bíblico quanto a seus problemas pessoais. Em algumas ocasiões, isto ocorre porque alguém lhes apresentou o diagnóstico. Em outras, tais pessoas leram algum livro, assistiram um programa de televisão, ouviram uma conversa no rádio ou fizeram algum curso de psicologia, decidindo por si mesmas que realmente estavam sofrendo de algum tipo especial de problema psicológico. Deixaram de reconhecer que o “diagnóstico” é apenas uma identificação descritiva, determinado por dedução, que algumas pessoas resolveram utilizar como um rótulo para certos tipos de comportamentos e experiências humanas. E, embora a palavra ou a expressão descritiva escolhida pareça lógica e significativa para identifi-

car um conjunto de comportamentos humanos estranhos, realmente não descreve a causa ou a natureza do problema.

Talvez eu possa esclarecer o que estou procurando afirmar, se falar sobre como na medicina as doenças são diagnosticadas e como normalmente se procede no diagnóstico dos problemas psicológicos. Na medicina, se um paciente tem certo conjunto de sintomas, os médicos suspeitam que está com determinada enfermidade. Porém, antes de apresentarem um diagnóstico definitivo, eles prescrevem uma série de exames (sangue, raios X, etc.), reconhecendo que, se a pessoa realmente tem aquela doença, a sua causa e natureza serão reveladas por meio dos exames. Com base em evidências científicas, os médicos dizem se aquela pessoa tem ou não determinada doença. O diagnóstico deles não está fundamentado apenas nos sintomas, mas em provas comprováveis ou evidências tanto das

causas quanto da natureza da enfermidade.

Contrário ao que muitas pessoas imaginam, este não é o procedimento comumente adotado no âmbito da psicologia secular. Na psicologia, se alguém possui certos sentimentos, comportamentos, maneira de pensar, determinado número de sintomas por um período específico de tempo, supõe-se que tal pessoa está com um problema psicológico, ainda que sua causa não foi e, em muitos casos, não pode ser comprovada por métodos científicos. Sem evidências provenientes de fatos concretos a respeito da causa e da natureza do problema, deduz-se que certos sintomas indicam que ela tem um problema psicológico. Em muitos casos, esse tipo de diagnóstico, não comprovado e improvável, é oferecido e frequentemente aceito como incontestável e indiscutível.

Infelizmente, quando uma pessoa acredita que seu problema, quanto à sua causa e natureza, é psicológico e não espiritual, podemos esperar várias coisas: 1) em sua tentativa para superar o problema, esta pessoa deixa

de lado Cristo e a Bíblia, buscando a solução primariamente (às vezes, exclusivamente) em remédios, idéias e conceitos da psicologia secular; 2) começa a pensar sobre Cristo como

um “psicólogo cósmico”, cujo principal objetivo em ter vindo ao mundo era solucionar os problemas psicológicos, aumentar a auto-estima do ser humano, libertá-la de sua dependência de ajuda e satisfazer as “necessidades de seu ego”; 3) esta pessoa perde a esperança e cai no desespero, porque muitos dos rótulos psicológicos trazem consigo a idéia de “eu sou assim mesmo, não posso ser mudado” ; 4) torna-se desencorajada porque estes conceitos não fundamentados na Escritura de maneira real e franca, incentivam-na a pensar que a solução básica para suas dificuldades é humanística em sua natureza. Esta pessoa precisará solucionar seu problema por si mesma (a idéia de que ela pode e tem de mudar a si mesma) ou outros, preferencialmente os especialistas, o resolverão por ela. Muitas pessoas já tentaram e falharam por confiarem em seus próprios esforços ou na ajuda de outros. Sabem que elas mesmas ou qualquer outra pessoa não podem oferecer poder para libertá-las de sua velha maneira de pensar, sentir e comportar-se e capacitá-las a pensar, sentir e

viver de maneira diferente. Nesse contexto em que os problemas são vistos primariamente como psicológicos em sua natureza, encontrei inúmeras pessoas que perderam a

*Na psicologia,
se alguém possui certos
sentimentos,
comportamentos,
maneira de pensar,
determinado número de
sintomas por um período
específico de tempo,
supõe-se que tal pessoa
está com um problema
psicológico...*

esperança e aumentaram suas dúvidas de que as mudanças realmente podem acontecer.

Por outro lado, tenho visto a esperança florescer em pessoas que começaram a reconhecer que seus problemas eram principalmente espirituais em natureza e estavam relacionados ao pecado. O reconhecimento de que nossos problemas pessoais e interpessoais estão relacionados ao pecado é realmente “boas-novas”, pois, se isto é verdade, há toda esperança para nós. Por quê? Porque,

de acordo com a Bíblia, o propósito fundamental de Cristo ter vindo ao mundo é libertar-nos da penalidade e do poder do pecado que nos domina (e, eventualmente, da presença e possibilidade do pecado). Esta é a mensagem mais cristalina da Bíblia: Jesus é “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29); “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Tm 1.15); “E lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21); “o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras” (Tt 2.14).

As “boas-novas”, de acordo com a Bíblia, não dizem que Cristo veio ao mundo para ser um psicólogo cósmico que traria cura às nossas

enfermidades psicológicas. As “boas-novas” da Bíblia afirmam que Cristo Jesus veio ao mundo a fim de providenciar libertação da penalidade e do poder do pecado (Rm 6.1-23). As “boas-novas” incluem a idéia de que há esperança para sermos libertos do castigo de nossos pecados. Existe substancial libertação do dominante poder do pecado e seus efeitos, no presente, porque foi isto que Cristo veio fazer no mundo.

Esta perspectiva bíblica acerca da natureza dos maiores e mais fundamentais

Aqueles que aceitam o diagnóstico de Deus acerca da verdadeira natureza de seus problemas encontrarão tudo em Cristo.

problemas do homem está repleta de esperança para aqueles que estão lutando com padrões antibíblicos de pensar, desejar, sentir e comportar-se. Essa perspectiva é libertadora, gratuita, encorajadora, bíblica e verdadeira! Ela diz às pessoas que, embora seus problemas pessoais e interpessoais sejam graves e intensos, existe esperança de mudanças, porque Cristo Jesus veio ao mundo a fim de oferecer libertação da culpa, condenação, corrupção, penalidade e controlador poder do pecado em suas vidas. Essa perspectiva ensina às pessoas que em Cristo Jesus elas podem desfrutar de todos os recursos necessários para escaparem da corrupção que se manifesta no mundo por meio de desejos pecaminosos. Cristo também capacita os crentes a viverem de maneira realmente piedosa e frutífera, caracterizando-se por excelência moral, conhecimen-

to, moderação, perseverança, amor fraternal, bondade e amor cristão (2 Pe 1.3-8).

Esta mensagem bíblica está repleta de esperança, pois afirma que Cristo possui inesgotáveis recursos disponíveis para nós, a fim de que vençamos as corruptas influências de nossos maus desejos. Encontramos disponível em Cristo tudo que precisamos para escapar da condenação e das destrutivas influências do pecado em nossas vidas e para vivermos em piedade. Achamos em Cristo tudo que necessitamos para superar as controladoras influências do pecado, que nos impedem de experimentar aquele tipo de vida frutífera descrita em 2

Pedro 1.3-8. Aqueles que aceitam o diagnóstico de Deus acerca da verdadeira natureza de seus problemas encontrarão tudo em Cristo — “todas as coisas que conduzem à vida e à piedade”, para livrarem-se da corrupção das paixões que há no mundo, tornando-se participantes da natureza divina. Talvez eles necessitem de ajuda para saber como aproveitarem-se destes recursos, mas podem ter esperança porque tudo que necessitam se encontra em Cristo!

(Dr. Wayne Mack, Psicólogo, Coordenador de Estudos Sobre Aconselhamento Cristão, *Master's College*, Santa Clarita, Califórnia.)



A esperança consegue ver o céu através das mais densas nuvens.

Thomas Brooks

Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação; na oração, perseverantes.

Romanos 12.12

A tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança.

Romanos 5.3-4

Resistindo ao Diabo

Arthur W. Pink

*“Sujeitai-vos, portanto, a Deus;
mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós.”*

(Tiago 4.7)

Este versículo nos apresenta um aspecto da Verdade acerca do qual há ampla ignorância entre os crentes. Com freqüência, eles se mostram inconscientes de que o “diabo” os está atacando e precisa ser resistido. Muitos supõem que as investidas de Satanás estão limitadas às tentações para que pequemos. Isto não é verdade; em muitos casos, o objetivo dele é opor-se e impedir-nos de fazer o que é bom. Constantemente, ele utiliza os seres humanos a fim de atrapalhar-nos e inquietar-nos. Por exemplo, ele enviará alguém para bater à porta ou chamar-nos ao telefone, quando estamos orando. Ele mandará parentes visitarem-nos no domingo, impedindo-nos assim de gastar tempo na comunhão com o Senhor. Ou criará “circunstâncias” para obstruir nosso progresso espiritual, multiplicando nossos deveres e tarefas, de modo que não tenhamos tempo livre ou fiquemos muito cansados para estudar a Bíblia.

Poucos filhos de Deus parecem

saber que possuem o privilégio e o direito de serem vitoriosos contra os ataques de Satanás. O Senhor não deixou seu povo aqui à mercê de seu grande inimigo, sem meios para vencê-lo. De maneira alguma; Ele nos ensina em sua Palavra *como* podemos derrotá-lo.

Iniciando: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Este é um mandamento divino. Um dever que o Senhor colocou sobre nós. Nossa primeira *responsabilidade* no que concerne a este mandamento é dar-lhe nossa melhor atenção, *gravá-lo em nossos corações, ponderar seus termos, desejar e resolver obedecê-lo.*

Provavelmente, alguns dirão: “Eu quero, mas não sei como”. Então, nossa segunda responsabilidade referente a este mandamento é *reconhecer este fato*, pedindo a Deus que nos ilumine e nos ensine como obedecê-lo. Conte-Lhe que deseja fazer aquilo que Ele ordenou e suplique instrução e capacidade para realizá-lo.

Embora isto seja importante e

necessário, não é o *bastante*. A oração nunca foi designada por Deus para eximir-nos de nossas responsabilidades e incentivar a indolência. Não basta orar para que Ele me conceda um jardim frutífero neste verão — embora eu *deva* orar a respeito disso e, igualmente, das outras coisas (Fp 4.6). Não apenas isso, eu tenho de cavar, plantar, regar o jardim e arrancar as ervas daninhas. Portanto, a *resposta* à minha oração por entendimento para obedecer a exortação de Tiago 4.7 tem de vir a mim através das Escrituras. Assim, minha terceira *responsabilidade* é *examinar* as Escrituras, suplicando que o Espírito Santo graciosamente me guie à verdade. Isto significa que preciso ler a Bíblia com um objetivo definido, almejando descobrir aquilo que ela ensina sobre o crente *resistindo ao diabo*, de modo que o diabo *fuja* do crente.

Começemos nosso exame da Palavra de Deus sobre este importante assunto prático considerando em detalhes o *contexto* imediato da passagem em que se encontra o mandamento. Primeiramente observamos que a exortação está na segunda metade do versículo: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo”. Ora, como espero obedecer a segunda metade, quando ainda não estou cumprindo a primeira? Sujeitar-se a Deus significa que minha própria sabedoria, vontade e desejos têm de ser

Sujeitar-se a Deus significa que minha própria sabedoria, vontade e desejos têm de ser completamente deixados de lado e que a Palavra e a vontade de Deus governam-me em todas as coisas.

completamente deixados de lado e que *a Palavra e a vontade* de Deus governam-me em todas as coisas. Sujeitar-se a Deus significa que reconheço suas reivindicações sobre minha vida: sou criatura e filho dEle, para ser controlado por Ele, que tem todo direito à minha total sujeição.

Meditemos e analisemos a primeira metade do versículo: “Sujeitai-vos, *portanto*, a Deus”. Isto logo nos diz que precisamos retornar ao versículo anterior, visto que o vocábulo “portanto” sempre indica uma conclusão baseada ou extraída de algo anterior. No versículo 6, lemos: “Ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. Sim, isto é encorajador, estimula a fé e a esperança. Aquele a quem eu tenho de me sujeitar não é um tirano cruel, um déspota sem misericórdia; é o “Deus de toda graça”. Ele já me outorgou a graça salvadora e “dá maior graça” aos humildes. Ora, “maior graça” é exatamente o que eu necessito, se desejo ser *bem-sucedido* em resistir ao diabo.

“*Pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes.*” Deus resiste aos orgulhosos, porque se opõem a Ele. A essência do orgulho é a auto-suficiência, aquele espírito que despreza a ajuda de outrem, confiante de que é capaz de resolver tudo por si mesmo. No âmbito das coisas espirituais, o orgulho é aquela hor-

rível presunção de que posso conseguir sozinho, sem Deus. É uma terrível ilusão gerada e promovida por Satanás. Ao contrário disso, a “humildade” é esvaziar-se de sua auto-suficiência; é uma compreensão íntima de que sou completamente dependente de Deus para todas as coisas. Humildade, graça e vitória sobre Satanás estão inseparavelmente ligadas uma à outra! Mas nada é mais ofensivo a Satanás do que a humildade, pois ele é um espírito orgulhoso, e seu desejo é ensoberbecer-nos e levar-nos a viver e agir independentemente de Deus.

“Sujeitai-vos, portanto, a Deus.”

A palavra “sujeitai” significa colocar a mim mesmo sob a autoridade de outrem. Precisa haver sujeição de todo o homem à lei de Deus, uma entrega de nós mesmos para sermos governados por Ele; nossos pensamentos, desejos e ações têm de ser estritamente regulados pelas normas estabelecidas em sua Palavra. Sujeitar-se a Deus também denota uma serena aquiescência às disposições da divina providência, uma alegre renúncia de nós mesmos ao soberano prazer de Deus. Portanto, precisa haver uma completa entrega de nossas próprias vidas e de nós mesmos a Deus, a fim de sermos conduzidos e governados por Ele.

Existe uma dupla relação entre as duas metades de Tiago 4.7. Primeiro, é óbvio que tenho de me submeter a Deus, se quero ser bem-

sucedido em resistir ao diabo. Como isto poderia acontecer de outra maneira? Em minhas próprias forças, não tenho condições de prevalecer contra meu grande inimigo, e Deus não me dará sua “graça”, enquanto

estiver me opondo a Ele! Por isso, é necessário que eu pare de resistir a Deus, antes de ter qualquer esperança de oferecer resistência a Satanás; em outras palavras, preciso deixar de ser orgulhoso, independente e auto-suficiente. O crente

que não ora é orgulhoso, pois sua recusa em receber a força proveniente de Deus equivale a dizer que pode ser bem-sucedido sem a ajuda divina. Satanás caiu por orgulho, e dissimulou para ter mais companheiros, atraindo-nos à sua armadilha. Sua isca é facilmente mordida, pois é *natural* a todos nós. Nossos primeiros pais sucumbiram prontamente à sugestão: “Sereis como Deus”.

Mas o que significa “resisti ao diabo”? Em primeiro lugar, significa que eu não tenho de ficar apavorado diante dele. Satanás não tem qualquer poder constrangedor. Ele não pode prevalecer sem meu consentimento. Em segundo, não devo sequer ouvir a sugestão dele, mas “resistir” *ativamente*, afirmando: “Não cairei”. Tenha essa atitude e permaneça firme em sua postura. Em terceiro, *cite as Escrituras para Satanás*, um versículo pertinente e adequado que confronta a tentação es-

*Aquele a quem eu
tenho de me
sujeitar não é um
tirano cruel, um
déspota sem
misericórdia; é o
“Deus de toda
graça”.*

pecífica. Confie no poder da Palavra de Deus, *esperando* que ela expulse Satanás de seu caminho. Em quarto, *pleiteie a promessa divina* no versículo: “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Sim, ele fugirá, pois não é apenas um inimigo vencido, mas também um notório covarde. “Ele fugirá de vós” apenas por um “momento”, pois voltará e reiniciará a luta; e *you também*.

Resumindo nosso exame da Palavra de Deus para descobrir o que ela ensina sobre este assunto de resistir ao diabo, já achamos o bastante para encorajar-nos. Mas continuemos nossa busca por mais esclarecimento e ajuda. Isto significa que eu preciso utilizar uma concordância e verificar, devagar e com cuidado, todos os versículos onde se encontram os vocábulos “diabo” e “Satanás”. Isto exige paciência, mas se o fizermos com oração, Deus recompensará o esforço.

Em 1 Pedro 5.8, lemos: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar”. Com certeza, esta verdade é muito descritiva e impressionante. Se você soubesse que um leão havia escapado do circo em sua cidade, que era feroz e estava faminto, que estava perdido, vagueando pelas ruas, e suas obrigações diárias lhe exigiam sair de casa, sem dúvida você agiria com bastante atenção e cuidado.

Queridos irmãos, minha supo-

sição não é imaginária ou absurda. Existe alguém mais poderoso e cruel do que um leão, que está andando em derredor, procurando devorar nossas almas. Quão pouco acreditamos nessa verdade! Quão indiferente é a atenção que damos a este aviso divino!

Se os olhos da fé avaliarem as coisas terrenas à luz da Palavra de Deus, perceberão que elas são efêmeras, sem valor e não satisfazem.

Considere por um instante o contexto desse versículo: “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Pe 5.7). Através destas palavras, o filho de Deus é convidado a lançar sobre o Senhor Jesus

todo o seu fardo de ansiedade, estando seguro da compaixão de Cristo. Sim, mas o privilégio e a certeza do cuidado dEle para conosco não deve nos tentar a sermos levianos e negligentes. Assim, como em toda a Bíblia, neste versículo a promessa e o mandamento estão juntos. Observe o que vem logo em seguida. Primeiro, “Sede sóbrios”. Em linguagem comum “sobriedade” é o oposto de “embriaguez”. No entanto, devemos lembrar que há muitas outras coisas além de vinho e cerveja que intoxicam. “Sede sóbrios” significa ser temperante em todas as coisas, refrear todos os desejos e apetites da carne, particularmente ser “sóbrio” nas expectativas quanto a este mundo e na maneira como você o utiliza.

“Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.2). Se os olhos da fé avaliarem as coisas terrenas à luz da Palavra de Deus,

perceberão que elas são efêmeras, sem valor e não satisfazem. Os prazeres do pecado são apenas “transitórios” (Hb 11.25); e quão transitórios! Lembremo-nos também de que precisa haver sobriedade de entendimento, antes de existir sobriedade de corpo. Oh! quão importante é que formulemos a correta estimativa das coisas terrenas e das celestiais! Se eu realmente recebo em meu coração as declarações da Palavra de Deus afirmando que “tudo que há debaixo do sol” é apenas “ vaidade e correr atrás do vento”, a sobriedade será fomentada.

Em segundo, “sede... *vigilantes*”, não descuidados, ou impetuosos, ou presunçosos. Preciso estar atento, alerta, desperto. Novamente tenho de começar no homem interior; jamais serei “vigilante” sobre tentações externas, enquanto não tiver aprendido a cingir o meu “entendimento” (1 Pe 1.13) e dominar meu próprio “espírito” (Pv 16.32). Portanto, supliquemos graça para sermos “vigilantes” sobre nossas *mentes* e trazer “cativo todo pensamento à obediência de Cristo”

(2 Co 10.5). Procuremos ser “vigilantes” sobre nossa *disposição íntima*, para que Satanás não ganhe vantagem. Se estivermos deprimidos, ele nos tentará ao desespero e ao desânimo. Mas eu tenho de “resistir” a esta inclinação. Se me sinto leviano e inconstante, ele me tentará à irreverência e à hilaridade; e isto mancha a reputação do seguidor de Cristo. Mas lembre-

se: para que sejamos “vigilantes”, precisamos antes ser “sóbrios”!

Em terceiro, “*resisti-lhe firmes*”. Oponha-se aos esforços de Satanás a fim de predispor seu coração contra Deus e infiltrar em sua mente pensamentos maldosos a respeito de Ele. Satanás se empenhará para causar-lhe dúvidas quanto ao amor de Deus; ele se esforçará para fazê-lo murmurar contra a severidade da providência divina e do rigor dos mandamentos de Deus. Você deve rechaçar os esforços de Satanás para atraí-lo à tentação, lembrando que Deus advertiu-nos: “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as” (Ef 5. 11). Resista ao empenho de Satanás para levá-lo a pecar. Responda-lhe assim como José: “Como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39.9).

Nossa resistência precisa ser *resoluta e zelosa*. Se um louco o atacasse, e você estivesse lutando por sua própria vida, empregaria todos os esforços. O mesmo acontece neste assunto: é a sua própria alma que Sa-

Nossa resistência precisa ser resoluta e zelosa... completa... constante e contínua.

tanás está procurando destruir. A resistência de Eva mostrou-se frágil e indiferente; ela brincou com as solicitações malignas de Satanás. A queda de Eva deve servir-lhe de aviso. Através da palavra “resoluta”, pretendo dizer que devemos ficar indignados diante das primeiras sugestões de Satanás, tais como, por exemplo, permanecer na cama no domingo pela manhã. Nossa resistência tem de ser *completa*. A

maneira como Satanás aborda as almas é gradual; a princípio, ele nos pede que cedamos apenas um pouco. Muitos prometem a si mesmos que cessarão de cometer tal pecado, após terem cedido um pouco; mas, quando a pedra começa a rolar do topo da montanha, é difícil fazê-la parar.

Vemos este princípio amplamente ilustrado no caso dos viciados em jogos de cartas e nos alcoó-

latras. Esteja atento. Nossa resistência precisa ser *constante e contínua* — não somente ao primeiro ataque de Satanás, mas a todas as suas investidas. O diabo é muitíssimo perseverante; nós também devemos ser.

Essas três considerações devem impulsionar-nos ao imperativo dever da resistência: primeira, o diabo não pode vencer-nos sem nosso consentimento; mas onde não há oposição, ali encontramos consentimento. Tome uma *atitude positiva* contra o grande inimigo das almas. Segunda, medite intensamente sobre a bênção da vitória; esta o compensará por toda a diligência e esforço que você fizer. Os prazeres do pecado são temporários; os prazeres e os benefícios de negar a si mesmo são eternos. Leia Marcos 10.29-30. Terceira, lembre que a graça de Deus é prometida a todo aquele que resiste. Deus liberta, mas você precisa “guardar-se” (1 Jo 5.18). É por intermédio de nossa vigilância e oração que Ele torna eficaz nossa resistência. Não existe a promessa de que Deus preservará uma alma descuidada e negligente.

Os prazeres do pecado são temporários; os prazeres e os benefícios de negar a si mesmo são eternos.

“Resisti-lhe firmes na fé.” Provavelmente, há uma dupla referência na expressão “na fé”. Primeira, refere-se à analogia entre o vocábulo “fé” e a Palavra de Deus (ver Jd 3); segunda, ao exercício da graça da fé. Satanás é o “poder das trevas” (Lc 22.53), e somente a luz de Deus

pode revelá-lo e expulsá-lo. Ele utiliza o erro para iludir as almas; a verdade de Deus é neces-

sária para libertar-nos. Temos de fazer-lhe resistência na fé, crendo, recebendo sabedoria e poder para agir de acordo com as Escrituras. Também devemos resistir a Satanás por exercitarmos a graça da fé salvadora. Nossos corações precisam apropriar-se dos preceitos e promessas de Deus. Um bendito exemplo dessa verdade foi deixado por nosso Senhor. Ele resistiu firme “na fé” a Satanás, ao utilizar contra ele somente a Espada do Espírito.

“Resisti-lhe firmes na fé.” Quando hesitamos por causa da incredulidade, somos incapazes de permanecer firmes contra nosso grande inimigo. Foi por duvidar do castigo antecipadamente anunciado por Deus que Eva sucumbiu ao pecado. Mas somente podemos resistir a Satanás, com sucesso e “firmes na fé”, se houver apropriação pessoal da vitória de Cristo. Está escrito: “Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro” (Ap 12.11). Na presença de Deus, recorra a este sangue a fim de ser liberto das tentações de Satanás. Confie na eficácia deste sangue para livrá-lo. Refugie-se no

escudo propiciado pelo sangue do Cordeiro, quando perceber que o diabo está lançando seus dardos inflamados contra você.

Finalmente, devemos ressaltar que só existem duas alternativas: ser vitorioso contra Satanás ou derrotado por ele; não existe outra possibilidade. Se formos completamente vencidos por ele, o resultado será fatal. Ele não está apenas procurando ferir, mas “devorar”-nos (1 Pe 5.8)! E como isto se harmoniza com a

eterna segurança do povo de Deus? É fácil responder essa pergunta: se realmente somos crentes, por intermédio da graça divina resistiremos ao diabo e o venceremos. Mas, se continuamos a ficar atentos às sugestões dele, cedendo a suas tentações, e somos completamente vencidos por ele, então, não importa o quanto conheçamos das Escrituras ou o que professamos ser, pertencemos a Satanás e somos seus legítimos escravos.



O evangelista enviado por Deus... nada tem em comum com o político na caça de votos ou com um animador de auditório. Nada é mais desprezível do que um palhaço religioso que fica saltando no meio de Verdades sérias e de leviandades.

James R. Graham

A Palavra de Deus é algo muito sagrado, e a pregação é uma obra muito solene, para que se brinque com elas.

William Gurnall

A popularidade tem matado mais profetas do que a perseguição.

Vance Havner

Justificação

Martin Lloyd-Jones

Justificação não significa meramente perdão. Inclui o perdão; no entanto, é muitíssimo maior do que este. Além disso, a justificação afirma que Deus nos declara completamente inocentes, considerando-nos pessoas que jamais pecaram. Ele nos proclama justos e santos. Agindo assim, Deus está refutando qualquer acusação que a lei faça contra nós. Não é apenas o juiz, no tribunal, asseverando que o réu está perdoado, mas declarando-o uma PESSOA JUSTA E INOCENTE.

Ao justificar-nos, Deus nos informa que removeu nosso pecado e culpa, imputando-os, ou seja, lançando-os na conta do Senhor Jesus Cristo, castigando-os nEle. Deus também anuncia que, fazendo isso, lança em nossa conta (ou seja, imputa-nos) a perfeita justiça de seu querido Filho. O Senhor Jesus Cristo obedeceu completamente a Lei; jamais a transgrediu em algum aspecto, satisfazendo-a em todas as suas exigências. Esta completa obediência constitui a justiça dEle. O que Deus faz ao justificar-nos é lançar em nossa conta (ou seja, imputar-nos) a justiça do Senhor Jesus Cristo. Ao declarar-nos justificados, Deus proclama que nos vê não mais como realmente somos, e sim como pessoas vestidas da justiça de Cristo. Um hino escrito pelo conde Zinzendorf expressa deste modo a justificação:

*Jesus, tua veste de justiça
É agora minha beleza;
minha gloriosa vestimenta.
Entre os mundos flamejantes,
Envolvido em tua justiça,
com alegria eu Te exaltarei.*

Glorificando a Deus no Fogo

George Whitefield

*“Amados, não estranheis o fogo ardente
que surge no meio de vós, destinado a provar-vos,
como se alguma coisa extraordinária
vos estivesse acontecendo.”*

(1 Pedro 4.12)

O fogo, meus irmãos, não apenas queima e purifica, mas, como você sabe, separa uma substância da outra, sendo utilizado na química e na mecânica. O que poderíamos fazer sem o fogo? Ele refina o metal, a fim de purificá-lo. O Deus todopoderoso sabe: freqüentemente somos mais purificados, em determinado momento, por intermédio de uma saudável provação do que por meio milhares de demonstrações de seu amor. É algo excelente sair purificado e perdoado da fornalha de aflição; seu propósito é nos purificar, *a fim de separar o precioso do vil, o joio do trigo*. E Deus, para realizar isso, se agrada em colocar-nos em um fogo após o outro. Isto me faz apreciar a ocasião em que vejo um bom homem passando por aflições, porque ensina algo sobre a maneira como Deus age no coração.

Lembro que, há alguns anos, quando peguei em Shields, próximo

a Newcastle, no norte da Inglaterra, entrei em uma fábrica de vidro. Permanecendo muito atento, pude contemplar várias peças de vidro quente com diversas formas. O operário pegou uma das peças de vidro e a colocou em uma fornalha; depois, em outra; e, posteriormente, em uma terceira. Quando perguntei-lhe: “Por que você está colocando esse vidro em tantas fornalhas?”, ele me respondeu: “Colocá-los apenas na primeira ou na segunda não é suficiente; por esta razão, eu o coloquei na terceira: isso torna o vidro transparente”.

Ao afastar-me do operário, ocorreu-me que aquele acontecimento daria um bom sermão: “Ora, esse homem colocou o vidro em uma fornalha após a outra, a fim de que pudéssemos ver através dele. Oh! Que Deus me coloque em uma fornalha após outra, para que minha alma seja transparente, e eu O veja como Ele é”.

Meus irmãos, precisamos ser purificados; a nossa tendência é de querer ir ao céu em uma cama macia; mas o caminho do Rei para muitos consiste em um leito de dores e abatimento. Conforme sabemos, há várias estradas em Londres chamadas “caminhos do Rei”, e foram excelentemente construídas com pedras. Mas o caminho do Rei para o céu está repleto de cruzeiros e aflições.

Todos nos inclinamos a pensar bem a respeito de ser um cristão. É muito agradável falar sobre o cristianismo, até que sejamos colocados em uma fornalha após outra. “*Não estranheis*”, disse o apóstolo, “*o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos*”. O que preciso fazer? Ora, se estou no fogo, é por causa das minhas corrupções. Deus não fará que passemos pelo fogo, se não houver algo a ser purificado. A grande virtude é aprender a glorificar a Deus no meio do fogo. Portanto, *glorificai a Deus no fogo*.

Quando glorificamos a Deus no fogo? Quando nos esforçamos para conseguir tal graça da parte do Senhor, a fim de que não O desonremos ao passar pelo sofrimento; portanto, glorificamos a Deus no fogo em ocasiões que suportamos, com quietude, a aflição como uma disciplina.

Glorificamos a Deus no fogo quando sofremos com paciência. É algo terrível alguém dizer, assim como Caim: “*É tamanho o meu*

castigo, que já não posso suportá-lo”. Mas a linguagem de uma alma que glorifica a Deus no fogo é esta: “Senhor, Senhor, posso eu, um homem pecador, reclamar por causa do castigo de meus pecados?” É glorioso ser capaz de afirmar, assim como aquele homem a respeito de quem, diversas vezes, um de seus amigos me falou que, encontrando-se dilacerado pela dor, gemia durante toda a noite por causa de sua enfermidade, mas clamava: “Senhor, estou gemendo; Senhor, estou gemendo; mas, Senhor Jesus, apelo a Ti, pois sabes que não estou resmungando”. Glorificamos a Deus no fogo, quando, apesar de sentirmos dor e tristeza, ao mesmo tempo dizemos: “Senhor, eu mereço isso e dez vezes mais do que isso”.

Também glorificamos a Deus no fogo quando, de fato, estamos completamente persuadidos de que Ele não há de colocar-nos no fogo, exceto quando isso coopere para nosso bem e redunde em sua glória.

Glorificamos a Deus no fogo quando dizemos: “Senhor, não permita que o fogo se apague até que remova

todas as minhas escórias”. Então, nós O glorificamos quando almejamos que o fogo nos seja benéfico e não se apague, e nossa alma pode clamar: “*Eis-me aqui, Senhor Deus, faze comigo o que te parecer agradável; sei que não terei uma aflição sem que Tu me concedas o consolo e me faças saber porque contendes comigo*”.

Glorificamos a Deus no fogo

*É muito agradável
falar sobre o
cristianismo, até que
sejamos colocados
em uma fornalha
após outra.*

quando demonstramos contentamento para dizer: “*Não sei o que Ele está fazendo comigo agora; todavia, depois o saberei*”. Explicamos para nossos filhos de dois anos de idade porque as coisas acontecem; é claro que não. E pensamos que Deus as explicará para nós? Os discípulos perguntaram: “*O que este homem está fazendo?*” Cristo respondeu: “*Que tenho eu contigo? Segue-me*”. Glorificamos a Deus no fogo quando nos contentamos em andar pela fé e não pelo que vemos.

Glorificamos a Deus no fogo quando não murmuramos em desagrado, mas submetemo-nos humildemente à vontade dEle. Uma pessoa humilde não anda em rebeldia e mau humor. Mas, existem pessoas de coração tão endurecido que nem chegam a se expressar. Quando aquela terrível notícia foi trazida a Eli, o que disse ele? “É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver”; que meus filhos sejam mortos; o que acontecer é Ele quem o está fazendo; apenas, Senhor, salve minha alma.

Glorificamos a Deus no fogo, quando no meio deste podemos entoar sublimes louvores a Ele. Os filhos de Israel glorificaram o Senhor; o cântico dos três rapazes na fornalha ardente é um louvor agradável! Assim também são todos os louvores produzidos em meio ao fogo. “*Oh! Todas as obras do Senhor, louvai-o e exaltai-o para sempre!*” Portanto, glorificamos a Deus no fogo quando nos regozijamos nele e não apenas

pensamos mas também reconhecemos que isso é o melhor; quando somos capazes de agradecer a Deus por nos fustigar e quando podemos bendizê-Lo e expressar-Lhe nossa

*Glorificamos a Deus
no fogo quando...
nos submetemos
humildemente
à vontade dEle.*

gratidão por não ter nos abandonado, afirmando: “*Deixai-os sozinhos*”. Isto é glorificar a Deus no fogo. “E não somente isto”, disse o apóstolo, “mas também nos gloriamos

nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança”. Neste mundo, glorificamos a Deus no fogo quando exercitamos humildade, paciência e resignação, aprendendo a desconfiar cada vez mais de nós mesmos, obtendo um profundo conhecimento de nossa própria fraqueza e da onipotência e da graça de Deus. Somos felizes quando podemos olhar para trás e declarar: “Fui capacitado a glorificar a Deus no fogo”.

Bem-aventurados são os que já passaram pela fornalha de Cristo! Felizes, os que já experimentaram as aflições de Cristo em suas almas! Creio que muitas almas já disseram: “Ó Senhor Jesus, ajuda-nos a glorificar-Te em quaisquer aflições que, por Teu agrado, enviases e em quaisquer fornalhas que, por Teu deleite, nos coloucares”. Então, cantaremos “*A Igreja Triunfante*” muito melhor do que o fazemos agora; veremos Jesus pronto a ajudar-nos quando estivermos na fornalha da aflição. Oh! Que este pensamento faça todo pecador afirmar: “Com a ajuda de Deus, eu me tornarei um verdadei-

ro cristão; com a ajuda de Deus, se arrebataram-me como um tição da fornalha de Satanás!”). Seja este o clamor de todos os corações!

arrebatar-me como um tição da fornalha de Satanás!”). Seja este o clamor de todos os corações!



A adoração é a submissão de toda nossa natureza a Deus. É a vivificação da consciência mediante sua santidade, o nutrir da mente com sua verdade, a purificação da imaginação por sua beleza, o abrir do coração ao seu amor e a entrega da vontade ao seu propósito.

William Temple

Não conheço outro prazer tão rico, tão puro, tão santificador em suas influências ou ainda tão constante em seus benefícios como aquele que resulta da verdadeira e espiritual adoração a Deus.

Richard Watson

Agostinho, Bispo de Hipona

Iain Murray

(Será um dos preletores da XVI Conferência Fiel - ano 2000)

Agostinho, filho de um oficial romano, nasceu em Tagaste, no norte da África, em 354. Dotado de brilhantes talentos, profundamente motivado pela vanglória e pelo desejo de ser louvado, aos 19 anos ele estudava e ensinava retórica na antiga cidade de Cartago. Com sua mente voltada à busca da sabedoria humana e seu coração cativo aos prazeres do pecado, permaneceu ali desperdiçando o melhor de sua vida. “Ai, ai!”, escreveu mais tarde, “aqueles passos me conduziram às profundezas do inferno! Labutando e desgastando-me por falta da verdade!” Os vários sistemas filosóficos de pensamento que ocupavam a atenção de Agostinho apenas o conduziam mais profundamente ao labirinto do erro. Com 31 anos de idade, o desespero mental e a angústia de coração levaram-no a adotar as dúvidas dos acadêmicos, os quais acreditavam que nada era certo. “Eu estava sobrecarregado com as mais inquietantes preocupações, recean-

do que morreria sem descobrir a verdade.” Ora, nesse caminho, a consciência de pecado começou a atormentá-lo. Tomado por medo e vergonha, profundamente consciente de que o pecado havia corrompido sua mente e escravizado sua vontade, Agostinho passou a odiar a si mesmo.

Ele não percebia que um vaso de misericórdia estava sendo formado; que um servo de Cristo estava sendo criado e que ele seria, por meio da graça divina, um dos mais poderosos defensores da verdade outorgada por Deus à sua igreja. Aconteceu que, no ano de 386, em um jardim de Milão, uma voz soou em seus ouvidos, como que vinda do céu, ordenando-lhe que lesse a Bíblia. “Tu me chamaste, gritaste e rompestes minha surdez.” Abrindo a Palavra de Deus em Romanos 13.13-14, Agostinho disse: “Uma luz de serenidade infundiu-se em meu coração, e as densas trevas que flutuavam em meus olhos dissolveram-se

em um instante. Tua voz poderosa disse: ‘Haja luz, e houve luz’”. Desse momento em diante, Agostinho, profundamente humilhado, tinha apenas um ardente desejo: amar e servir seu Salvador. “Não tenho qualquer prazer, exceto aquele que resulta de falar, ouvir, escrever, pregar e envolver-me constantemente na meditação do Senhor e de sua glória.”

Era o momento designado por Deus para levantar seu servo. Era uma época carregada de motivos para causar alarme e incitar temor. A igreja de Cristo estava sendo ameaçada por erros internos, enquanto externamente a queda do Império Romano trazia confusão, invasão de bárbaros, séculos de desordem e trevas sobre a Europa. Nos anos que seguiram à conversão de Agostinho, nós o vemos sendo transformado em um instrumento para o propósito de Deus. Dia a dia, ano após ano, ele foi completamente absorvido pela Palavra de Deus. Com freqüência, ele a estudava no meio da madrugada, aprendendo-a sobre seus joelhos, alimentando-se incansavelmente de seu conteúdo. Verdades fundamentais estavam sendo gravadas em sua alma, verdades da Palavra de Deus que deveriam brilhar durante as eras futuras da igreja.

No início do ano de 392, as orações do idoso Valério, bispo de Hipona, em favor de outro pastor para seu rebanho, foram respondidas

*Verdades fundamentais
estavam sendo
gravadas em sua alma,
verdades da
Palavra de Deus
que deveriam brilhar
durante as eras
futuras da igreja.*

com a vinda de Agostinho para assumir o seu lugar. Ali, Agostinho foi ordenado presbítero, aos 39 anos de idade e, posteriormente, tornou-se bispo. Infelizmente, para a igreja, estava desaparecendo a igualdade estabelecida pelos apóstolos entre presbíteros e bispos. Embora o ofício de bispo em Roma começasse a associar-se a uma arrogância de senhorio e à presunção sacerdotal, isto não acontecia em Hipona, no norte da África.

Agostinho, como bispo de Hipona, tinha muitas coisas em comum com seus irmãos crentes e jamais se colocou em posição de destaque. Ao morrer, não deixou qualquer herança; em vida, não apenas repartiu o que tinha com todos, mas chegou a derreter vasos de prata da igreja por amor aos pobres. Do púlpito, ele implorava de forma surpreendente aos homens. Sua fonte de autoridade era a Palavra de Deus, a qual ele tratava com a mais profunda reverência. “Oh! maravilhosa profundidade da tua Palavra!”, ele exclamou, em certa ocasião, enquanto pregava, “cujas verdades, nós, pequeninos, podemos ver com facilidade; apesar disso, há uma maravilhosa profundidade, ó meu Deus, uma maravilhosa profundidade!” Ao final de sua vida, este ministro apostólico declarou: “Ainda que tenhamos capacidade e diligência para estudar durante a vida inteira, desde a infância à velhice, somente

as Sagradas Escrituras, elas possuem tanta consistência e abundância de verdades, que todos os dias poderemos aprender algo que não sabíamos”. Agostinho pregava do profundo de seu coração, e seu intenso amor pelas almas fê-lo sentir um grande desejo de pregar a seus ouvintes para levá-los a Cristo. Ele havia aprendido, em sua vida diária, a olhar tão intensamente para Cristo, que toda sua pregação a respeito de outros assuntos reduziu-se a quase nada.

“Ó amor indescritível”, ele costumava clamar, “que levou Deus, em carne, a morrer pelo homem; se o homem não tivesse sido comprado por tão elevado preço, inevitavelmente sofreria a eterna condenação”. Agostinho se absteve da sabedoria de palavras e pregou uma mensagem veemente, direta, sem rodeios, freqüentemente trazendo seus ouvintes às lágrimas.

Quais eram as doutrinas ensinadas por esse homem piedoso?

Deus o levantou para falar contra quais erros? Ninguém deve afirmar que a antigüidade dos escritos de Agostinho prejudicam a utilidade deles. O mundo, disse ele, com sua glória e grandeza, logo perecerá, mas a verdade de Deus permanece, eterna e imutável. Da mesma forma, embora o erro apareça em incontáveis formas, a base sobre a qual ele está alicerçado é a mesma em todas as épocas. De fato, é verdade que as doutrinas

que Agostinho expôs fundamentado nas Escrituras possuem importância tão grande, que ignorá-las nos torna incapazes de julgar as questões vitais de nossos dias. Portanto, o erro ao qual ele se opôs permanece até hoje com efeitos devastadores na igreja.

A heresia jamais surge com a aparência de heresia. Na época de Agostinho, ela surgiu através de um homem chamado Pelágio, aparentemente sem culpa, modesto, que praticava a mortificação e com zelo exortava os outros a seguirem o exemplo de Cristo. O ensinamento desse homem era tão sutil e ambíguo, que passou despercebido perante um concílio de bispos da Palestina. Foi deixada para Agostinho a responsabilidade de expor os alicerces do pelagianismo. Através de muitos anos de provações e humilhações, Deus o preparou para essa tarefa. A raiz do ensino pelagiano estava errada em sua visão da natureza do homem. Pelágio dizia que o homem não estava numa condição de pecado

original e possuía o livre-arbítrio, assim como Adão antes da queda. O pecado não é herdado por natureza e sim pelo exemplo. Portanto, na salvação, a graça de Deus não é um poder interior que renova a natureza corrompida e restaura a

*O erro ao qual
ele se opôs
permanece até
hoje com
efeitos
devastadores
na igreja.*

vontade pecaminosa do homem, trazendo-a à liberdade, mas, ao invés disso, a graça de Deus é algo externo, que nós podemos receber, se assim decidirmos. Pelágio afirmava que a graça de Deus era oferecida a todos

igualmente e, portanto, era a escolha do homem que determinava se a graça seria recebida ou não. Em resumo, o pelagianismo é uma crença de que a salvação é o resultado da cooperação entre Deus e o pecador.

O que levou Agostinho a entender tão firmemente contra afirmações como essas? Ele não era o tipo de homem que entraria em controvérsia por causa de assuntos não-essenciais, pois o espírito de controvérsia era algo bastante diferente de seu terno amor para com todos. Sua única preocupação no mundo era a glória de Deus através da sua igreja; mas Agostinho sabia que a segurança da igreja reside na preservação da verdade, e estava disposto a denunciar o pelagianismo como um erro pernicioso. “O grande pecado do pelagianismo”, declarou Agostinho, “é fazer o homem esquecer-se por que ele é um crente”. Defendendo as Escrituras, Agostinho afirmou que a conversão do pecador resulta apenas da eleição gratuita da parte de Deus e que a razão pela qual Ele chama alguns e rejeita outros reside inteiramente em sua vontade inescrutável. Em sua obra “*Concerning the Predestination of the Saints*” (A Predestinação dos Santos), Agostinho escreveu o seguinte: “Para que ninguém diga, minha fé ou minha justiça me distingue dos demais, o grande apóstolo dos gentios pergun-

ta: ‘O que tendes que não recebestes?’ A fé, portanto, desde seu princípio até à sua perfeição, é um dom de Deus. Entretanto, o motivo da fé não ser dada a todos, não deve preocupar o crente, pois este sabe que todos, por causa do pecado de um só homem, estão debaixo da mais justa condenação. A razão por que Deus

A vida de Agostinho desaprova, de uma vez por todas, a objeção de que a fé na predestinação eterna da parte de Deus é inconsistente com o zelo na pregação e no evangelismo.

livra uma pessoa de sua condenação e não a outra, está em seus próprios e inescrutáveis juízos. E, se perguntamos por que o receptor da fé é considerado digno por Deus para receber tal dom, acharemos aqueles que dirão: ‘É por escolha humana’. Mas nós afirmamos que é pela graça; ou seja, pela

divina predestinação”. Seguindo as Escrituras, Agostinho demonstrou que a eleição é a causa primária de tudo e mostrou como é absurdo afirmar que a fé prevista por Deus é a causa da eleição. “Paulo não declara que os filhos de Deus foram escolhidos porque Ele previu que creriam, mas para que pudessem crer. Deus não nos escolheu porque nós cremos, mas para que crêssemos; para não parecer que fomos nós quem primeiro O escolhemos. Paulo assevera com clareza que, desde o princípio da humanidade, ser santo é fruto da eleição. Aqueles que colocam a eleição depois da fé agem, portanto, de forma bastante absurda. Quando Paulo apresenta o beneplácito que Deus teve em Si mesmo

como a causa da eleição, ele exclui todas as outras possíveis causas”.

Os adversários de Agostinho reivindicaram que a autoridade da igreja estava contra suas doutrinas, e ele replicou que, antes da heresia de Pelágio, os pais da igreja primitiva não manifestavam suas opiniões profundas sobre a predestinação, e sua resposta era correta. E acrescentou: “Qual a necessidade de examinar as obras daqueles escritores que, antes de surgir a heresia de Pelágio, não sentiram qualquer necessidade de se expressarem sobre essa questão? Se esta necessidade tivesse surgido e se houvessem sido compelidos a responder aos inimigos da predestinação, sem dúvida, eles o teriam feito. O que me compeliu a defender as passagens das Escrituras onde a predestinação é claramente ensinada? O que me estimulou foi o aparecimento dos pelagianos dizendo que recebemos a graça de Deus quando nos tornarmos dignos dela!”

Não podemos falar agora sobre a maneira como a controvérsia pelagiana foi resolvida, sobre o modo como o Concílio de Éfeso condenou as posições de Pelágio, em 431, sobre como o piedoso bispo de Hipona, cheio de amor por Cristo, labutou até ao seu último suspiro e como ele morreu três meses antes da guarda romana em Hipona ser vencida pela invasão bárbara. E não há espaço para discutir a respeito das lições que podemos aprender da vida desse

Agostinho se absteve da sabedoria de palavras e pregou uma mensagem veemente, direta, sem rodeios...

homem, a não ser esta que salientamos: a vida de Agostinho desaprova, de uma vez por todas, a objeção de que a fé na predestinação eterna da parte de Deus é inconsistente com o zelo na pregação e no evangelismo. Agostinho escreveu: “Eles dizem que a doutrina da predestinação é inimiga da pregação e que não traz qualquer benefício. É como se ela fosse inimiga da pregação do apóstolo. O excelente apóstolo aos gentios freqüentemente exaltou a predestinação e, apesar disso, jamais deixou de pregar a Palavra de Deus. Pois, assim como a piedade deve ser pregada, para que Deus seja verdadeiramente adorado, assim também deve acontecer à predestinação. Aquele que tem ouvidos para ouvir glorie-se na graça de Deus, no próprio Deus, e não em si mesmo”.

O mundo de Agostinho passou, mas os erros que temos de combater não. Eles foram poderosamente reavivados no arminianismo, no século XVII; e, em nossos dias, os mesmos erros (este grande pecado, como o chamou Agostinho), têm se espalhado pela igreja visível. Deus pronunciou um solene anátema contra aqueles que buscam desfazer a sua obra, ao edificarem sobre aquilo que Ele destruiu (Js 6. 26). Ao encerrar este artigo, consideremos atentamente as palavras de Richard Sibbes, teólogo de Cambridge:

“A heresia de Pelágio foi condenada ao inferno pelos antigos

concílios. Os vários concílios realizados na África e diversos sínodos, nos quais o próprio Agostinho esteve presente, condenaram a heresia de Pelágio. Hoje não existem homens que querem ressuscitar estas heresias? Nada podemos esperar, exceto a maldição que prevalece quando homens reavivam heresias que Deus condenou. Elas são opiniões amal-

diçoadas pela igreja de Deus, que até agora tem sido guiada pelo Espírito Santo. Tais opiniões, penso eu, que falam levemente sobre a graça de Deus e promovem o poder do livre-arbítrio, fazem deste um ídolo; por isso, estão debaixo de condenação e, por natureza, são inimigas da graça de Deus”.



É perigosamente possível que a atividade não seja nada mais do que um corre-corre atordoado em volta de um vazio central.

John Blanchard

Os únicos precedentes para a proclamação do evangelho são: vida santa, oração e testemunho ousado.

Geoffrey Thomas

A idéia de que este mundo é um parque de diversões e não um campo de batalha tem sido hoje aceita, na prática, pela vasta maioria dos cristãos.

A. W. Tozer

Carta de um Pastor da Escócia

Tony Hutter

Em maio de 1999, a cidade de Perth foi a sede do “maior evento cristão na Escócia desde a visita do papa em 1982”. Este dois acontecimentos não tiveram qualquer ligação entre si.

Este grande evento cristão foi o “Festival 99”, com Franklin Graham, o filho do evangelista Billy Graham. Palavras tais como “campanha” ou “cruzada evangelística” parecem ter sido substituídas por “Festival”, uma palavra mais suave e brilhante. Muitas igrejas se envolveram; e, juntamente com isso, houve o apoio do bispo católico romano, o que deixou todos sentirem-se bem no evento.

Bastante entretenimento

Lendo os informativos sobre o “Festival” (e houve muitos sobre este acontecimento), percebi que a ênfase recaiu sobre o promover alegria e entretenimento. Antes que Franklin

Graham chegasse, uma série de eventos se realizaram: um desfile de modas, um show apresentando dois comediantes, uma reunião em que Anne Graham Lotz, a irmã de Franklin, pregou aos ouvintes (e alguém assegurou-me: “Ela é uma entusiasta pregadora e ensinadora da Bíblia, melhor do que seu próprio irmão, Franklin”). Houve também um encontro para crianças, oferecendo “palhaços, malabarismo, músicas, presentes e MUITA DIVERSÃO!”

Interessante, não?! Mas todas estas coisas foram apenas o prelúdio. Espere até a chegada de Franklin!

Prometeram muito mais. Haverá um cantor irlandês e a banda *Praise*, “bem conhecida por sua nova, vibrante e popular maneira de louvar; esta banda é formada por um grupo de cantores e compositores talentosos, todos eles com uma longa história de sucesso individual”. Outro grupo que se apresentará já ganhou o troféu Grammy e possui um “con-

tagiante estilo de rock popular”.

Um “cowboy” da Califórnia também se apresentaria. Ele foi o vencedor do concurso “Battle of the Bands”, de 1964, sendo conhecido por sua maneira rápida e brilhante de dedilhar seu violão; já apareceu em diversos programas de televisão dos Estados Unidos, compôs músicas para o cinema e a televisão. Ele é um grande mestre de entretenimento. Depois, um ator americano que já se apresentou na Broadway fará uma “divertida demonstração” de seus “formidáveis talentos”, ao dramatizar partes da Palavra de Deus.

Em seguida, será a vez de um coral de crianças da África que recebeu a indicação para o Grammy em 1993; e, logo depois, um outro americano proficiente tocador de violão, banjo, rabeca e bandolim, entre as suas honras estão três discos de ouro, quatro álbuns de platina, cinco troféus Grammy e doze músicas número 1.

Tudo isto em apenas quatro noites! Uau! Este é, sem dúvida, um evangelismo de alta voltagem! E qual foi o seu custo? Um pouco mais do que 250.000 libras (equivalente a R\$ 750.000,00). Em todos os dispendiosos anúncios nos ônibus e lugares públicos, não vi um versículo sequer da Bíblia.

Pequeno rebanho

Considerando tudo isso, pensei em mim mesmo e em nossa peque-

na igreja, formada por apenas dezesseis membros. O que eu deveria fazer? Oferecer aos domingos uma divertida demonstração de meus formidáveis talentos? Isto não parecia correto? Não sou capaz de dedilhar violão com grande e admirável rapidez, nem banjo, rabeca e bandolim. De fato, quando olho para os membros de nossa igreja, reconheço que nenhum de nós foi treinado para atuar como palhaços ou comediantes. Provavelmente somos mais indicados a receber o troféu Granny (“vovó”) do que o Grammy. E a única Broadway (caminho largo) em que nos apresentamos foi aquela que nos conduzia a destruição (e, pela graça de Deus, abandonamos aquele caminho).

O Deus vivo, que é um fogo consumidor, pode ser adorado de modo aceitável através de qualquer “vibrante e popular maneira de louvar”?

Um “contagiantes estilo de rock popular” pode ser bem aceito por muitos, mas desejamos que nossa igreja seja contagiada por esse tipo de música? Pretenderíamos que nosso púlpito

fosse ocupado por um “grande mestre de entretenimento”? E esta ênfase sobre troféus e realizações é compatível com a reprovação de Cristo aos seus discípulos, quando estes discutiam sobre qual deles era o maior? Alguns de nós achamos que, ao invés de ser atrativa, essa atitude de promover as habilidades de “grandes astros” causa repugnância.

*Em todos os
dispendiosos anúncios
nos ônibus e lugares
públicos, não vi um
versículo sequer da
Bíblia.*

Opinião do Leitor

Dou graças a Deus pelos bons artigos e fidelidade de vida dos escritores da revista *Fé para Hoje*. Continuarei orando para que esta revista continue como está. Devo dizer que o artigo "Minha Passagem pelo Movimento de Crescimento de Igrejas" é muito esclarecedor. Creio que Deus é soberano em tudo. Nós somos instrumentos para semear a semente do Evangelho, e o Espírito Santo é todo poderoso para fazer nascer e desenvolver tal semente.

E.B.

Salto de Pirapora, SP

Antes não conhecia o material educativo da Fiel, não estava tão envolvido com materiais que expressavam e divulgavam a fé reformada, pois ainda estava no processo de aceitação da teologia reformada. Sempre aprendi na igreja e no seminário uma teologia arminiana e uma teologia cheia de novidades que foram criadas pelos pentecostais. Quando pude estudar a fundo as matérias de teologia sistemática, teologia bíblica e outras, não pude deixar de crer como os reformadores criam, e estou feliz por poder adquirir material que expresse com segurança a teologia reformada, material que é escrito por homens de conduta ilibada e com um co-

nhecimento profundo das Escrituras Sagradas.

A.M.D.

Natal, RN

Estou enviando o valor de vinte reais para que me enviem 20 exemplares, se possível, 10 de cada ou 20 n° 2. Quero passá-las a pessoas que sinto terem vontade de crescer na fé.

J.D.L.

Alfenas, MG

Gostaria de, com toda sinceridade, expressar minha satisfação ao ler uma revista como esta. Tão simples, mas tão necessária. É, de fato, lamentável contemplarmos a atual situação do evangelicalismo moderno, seu pragmatismo, sua superficialidade.

A.T.A.

Patrocínio, MG

Irmãos, estou tendo a oportunidade de ler a revista *Fé para Hoje*, n° 3, a qual foi-me dada por um amigo. Ela está sendo de grande valia para mim. Também visitei o vosso *site* e colhi alguns artigos dos números anteriores. Que o Senhor continue a derramar copiosas bênçãos sobre vós e fortaleça o trabalho das vossas mãos, para edificação de seu povo e propagação do seu santo evangelho. Gostaria de receber os próximos exemplares.

E.S.L.

Gurupi, TO